

DA PRÁTICA E DA
CONTRADIÇÃO
MAO
TSÉ-TUNG

TRADUÇÃO DE MIGUEL FREITAS DA COSTA
INTRODUÇÃO DE SLAVOJ ŽIŽEK

B BOOK
BUILDERS



Índice

<i>Introdução</i>	IX
<i>Sugestões bibliográficas</i>	LIII



1. Uma simples faísca pode pegar fogo a toda a pradaria.	1
2. Contra o culto dos livros	19
3. Da prática	33
4. Da contradição.	55
5. Combater o liberalismo	107
6. O povo chinês não se deixa intimidar pela bomba atômica.	111
7. O imperialismo americano é um tigre de papel . . .	115
8. Sobre <i>Problemas económicos do socialismo na URSS</i> , de Estaline	121
9. Crítica de <i>Problemas económicos do socialismo na URSS</i> , de Estaline	129
10. Como lidar correctamente com as contradições entre o povo	145
11. De onde vêm as ideias correctas?	197
12. Conversa sobre questões de filosofia	201





INTRODUÇÃO

Mao Tsé-tung, um senhor marxista do desgoverno

Slavoj Žižek

Entre as armadilhas que espreitam os marxistas, uma das mais traiçoeiras é a busca do momento da Queda, quando as coisas se transviaram na história do marxismo: terá sido já o último Engels, com o seu entendimento mais positivista-evolucionista do materialismo histórico? Foram o revisionismo e a ortodoxia da II Internacional? Foi Lenine⁽¹⁾? Ou foi o próprio Marx nos seus últimos trabalhos, após ter abandonado o seu humanismo juvenil (como alguns «marxistas humanistas» alegaram há décadas)? Este tema tem de ser inteiramente rejeitado: não há aqui uma oposição, a Queda deve ser inscrita na própria origem. (Dito ainda mais explicitamente, tal

¹ Nesta linha, alguns marxistas ocidentais atribuem o estalinismo à influência na Rússia do «modo de produção asiático», vendo-o como uma nova forma de «despotismo oriental» – a ironia é que, para os russos tradicionais, se aplica exactamente o preciso. «Foi sempre uma fantasia ocidental ver Lenine e Estaline como déspotas «orientais». Os grandes tiranos russos dos séculos XVIII e XX eram ocidentalizados.» (Lesley Chamberlain, *The Philosophy Steamer*, Londres, Atlantic Books, 2006, p. 270)



busca do intruso que infectou o modelo original e pôs em marcha a sua degeneração não pode senão reproduzir a lógica do anti-semitismo.) O que isto quer dizer é que, mesmo se – ou melhor, especialmente se – submetermos o passado marxista a uma crítica implacável, temos de primeiro reconhecê-lo como «nosso», assumindo total responsabilidade por ele, não para nos vermos livres comodamente do «mau» curso dos acontecimentos atribuindo-o a um intruso que lhe é alheio (o «mau» Engels, que era demasiado estúpido para compreender a dialéctica de Marx, o «mau» Lenine que não percebeu o cerne da teoria de Marx, o «mau» Estaline que estragou os nobres planos do «bom» Lenine, etc.)

A primeira coisa a fazer, portanto, é avalizar totalmente a deslocação na história do marxismo concentrada em duas grandes passagens (ou antes, dois cortes violentos): a passagem de Marx para Lenine, bem como a passagem de Lenine para Mao. Em ambos os casos há uma deslocação da constelação original: do país mais avançado (como esperava Marx) para um país relativamente atrasado – a revolução «teve lugar no país errado»; dos trabalhadores para os camponeses (pobres) como principal agente revolucionário, etc. Da mesma maneira que Cristo precisava da «traição» de Paulo para que o cristianismo emergisse como igreja universal (recorde-se que entre os 12 apóstolos Paulo ocupa o lugar deixado vago por Judas, o traidor!), Marx precisava da «traição» de Lenine para efectuar a primeira revolução marxista: é uma necessidade interna do ensinamento «original» submeter-se a esta «traição» e sobreviver-lhe, sobreviver a este acto violento de ser arrancado do contexto original e lançado numa paisagem estranha onde tem de reinventar-se – *só assim nasce a universalidade*.

De modo que, a propósito da segunda transposição violenta, a de Mao, é demasiado fácil, quer condenar a sua reinvenção do marxismo como teoricamente «inadequada»,



1

Uma simples faísca pode pegar fogo a toda a pradaria

5 de Janeiro de 1930

Carta escrita pelo camarada Mao Tsé-tung a criticar certas visões pessimistas então existentes no Partido



Alguns camaradas do nosso Partido ainda não sabem como avaliar correctamente a presente situação e como resolver a questão atinente de que acção tomar. Embora acreditem que é inevitável uma maré alta, não acreditam que esteja iminente. Por conseguinte, desaprovam o plano de tomar Kiangsi e só aprovam acções itinerantes de guerrilha em três regiões nas fronteiras de Fukien, Guangdong e Kiangsi; ao mesmo tempo, como não têm uma compreensão profunda do que significa estabelecer um poder político vermelho nas áreas de guerrilha, não têm uma compreensão profunda da ideia de acelerar a subida da maré revolucionária em todo o país através da consolidação e expansão do poder político vermelho. Parecem pensar que, dado que a maré alta revolucionária ainda está longe, será trabalho perdido a dura labuta de tentar estabelecer o poder político. Querem, em vez disso, estender a nossa influência política através do método mais





MAO TSÉ-TUNG

fácil de acções de guerrilha móveis e, uma vez que as massas de todo o país tenham sido ganhas, ou mais ou menos ganhas, para a causa, querem lançar uma insurreição armada em todo o país que, com a participação do Exército Vermelho, se tornaria uma grande revolução nacional. A sua teoria de que devemos primeiro conquistar as massas à escala do país inteiro e em todas as regiões e depois estabelecer o poder político não corresponde ao estado actual da revolução chinesa. Esta teoria deriva principalmente do fracasso em entender claramente que a China é um país semicolonial que muitas potências imperialistas disputam. Se percebermos isto claramente, perceberemos, primeiro, porque só na China se encontra o inabitual fenómeno de uma guerra prolongada e confusa no seio das classes dominantes, porque se está a tornar esta guerra constantemente mais feroz e mais espalhada e porque nunca houve um regime unificado. Em segundo lugar, perceberemos a gravidade do problema camponês e porque se desenvolveram na presente escala nacional as sublevações rurais. Terceiro, compreenderemos como é correcto o lema do poder político democrático de trabalhadores e camponeses. Em quarto lugar, compreenderemos um outro fenómeno singular, que também não existe fora da China, e que decorre do primeiro (que só na China há uma guerra prolongada e confusa no seio das classes dominantes), designadamente a existência e desenvolvimento do Exército Vermelho e das forças de guerrilha e, juntamente com elas, a existência e desenvolvimento de pequenas áreas vermelhas cercadas pelo regime branco. Quinto, compreenderemos que na China semicolonial o estabelecimento e expansão do Exército Vermelho, das forças de guerrilha e de áreas vermelhas é a mais alta forma de luta camponesa sob a liderança do proletariado, o produto inevitável do crescimento da luta camponesa semicolonial e, sem dúvida, o factor mais importante na aceleração da maré



alta revolucionária em todo o país. E em sexto lugar, perceberemos também que a política que apela meramente a acções de guerrilha itinerantes não pode realizar a tarefa de acelerar a maré alta revolucionária à escala nacional, ao passo que é indubitavelmente correcta a política do tipo adoptado por Chu Teh e Mao Tsé-tung e também por Fang Chih-min⁽¹⁾ – isto é, a política de estabelecer bases; de organizar sistematicamente o poder político; de aprofundar a revolução agrária; de expandir as forças armadas populares por um processo exaustivo de criar primeiro os Guardas Vermelhos da localidade, depois os Guardas Vermelhos do distrito, depois as tropas locais do Exército Vermelho, até chegar a um verdadeiro Exército Vermelho regular; de disseminar o poder político avançando em vagas sucessivas; etc., etc. Só assim é realmente possível criar um Exército Vermelho que se torne na arma principal para a grande revolução do futuro. Em suma, só assim é possível apressar a subida da maré revolucionária.

Camaradas que sofrem de impetuosidade revolucionária sobrestimam as forças subjectivas da revolução⁽²⁾ e subestimam as forças da contra-revolução. Uma tal apreciação brota principalmente do subjectivismo. No fim, leva indubitavelmente ao *putschismo*. Por outro lado, subestimar as forças subjectivas da revolução e sobrestimar as forças da contra-revolução constituiria também uma apreciação inadequada e produziria com toda a certeza maus resultados de outra espécie. Por

¹ O Camarada Fang Chih-min, natural de Yiyang, Província de Kiangsi e membro do VI Comité Central do Partido Comunista da China, foi o fundador da área vermelha do Nordeste de Kiangsi e do 10.º Exército Vermelho. Em 1934 comandou o destacamento avançado do Exército Vermelho na marcha para norte para resistir aos invasores japoneses. Em Janeiro de 1935 foi capturado em combate contra as tropas contra-revolucionárias do Kuomintang e em Julho morreu uma morte de mártir em Nachang, Kiangsi.

² [As forças subjectivas da revolução quer dizer as forças organizadas da revolução.]



consequente, ao julgar a situação política na China é necessário compreender o seguinte:

1. Embora as forças subjectivas da revolução na China sejam agora fracas, também o são todas as organizações (órgãos do poder político, forças armadas, partidos políticos, etc.) das classes dominantes reaccionárias, assentando como assentam na estrutura social e económica atrasada e frágil. Isto ajuda a explicar porque não pode eclodir ao mesmo tempo a revolução em todos os países da Europa Ocidental onde, embora as forças subjectivas da revolução sejam agora, talvez, um tanto mais fortes do que na China, as forças das classes dominantes reaccionárias são muitas vezes mais fortes. Na China, a revolução mover-se-á mais depressa, sem dúvida, para a sua maré alta, pois embora as forças subjectivas da revolução presentemente sejam fracas, as forças da contra-revolução são relativamente fracas também.

2. As forças subjectivas da revolução têm sido sem dúvida bastante enfraquecidas desde a derrota da revolução de 1927. As forças restantes são muito pequenas e os camaradas que julgam apenas pelas aparências sentem-se naturalmente pessimistas. Mas se julgarmos pelos elementos essenciais, é uma história bastante diferente. Podemos aplicar aqui o velho ditado chinês, «uma simples fâisca pode pegar fogo a toda a pradaria». Por outras palavras, as nossas forças, embora presentemente pequenas, crescerão muito rapidamente. Nas condições prevalentes na China, o seu crescimento não só é possível, mas na verdade inevitável, como demonstraram completamente o Movimento de 30 de Maio e a Grande Revolução que se seguiu. Quando olhamos para as coisas, temos de examinar a sua essência e tratar a sua aparência como um mero introdutor à soleira da porta, e uma vez transposto esse limiar temos de apreender a essência delas; este é o único método de análise seguro e científico.



3. De igual modo, ao apreciar as forças contra-revolucionárias, nunca devemos olhar apenas para a sua aparência, mas devemos, sim, examinar a sua essência. No período inicial do nosso regime independente na região da fronteira Hunan-Kiangsi, alguns camaradas acreditaram na apreciação errônea do Comité Provincial de Hunan e concluíram que o inimigo de classe não valia uma raspa; «terrivelmente abalado» e «extremamente assustado», expressões que até hoje são consideradas uma anedota, foram as expressões usadas à época pelo Comité Provincial de Hunan (de Maio a Junho de 1928) ao avaliar o governador de Hunan, Lu Ti-ping⁽³⁾. Tal apreciação levou necessariamente ao *putschismo* na esfera política. Mas durante os quatro meses de Novembro desse ano a Fevereiro de 1929 (antes da guerra entre Chiang-Kai-shek e os senhores da guerra de Kwangsi⁽⁴⁾), quando a terceira «expedição conjunta de repressão»⁽⁵⁾ se aproximava das montanhas Ching kang, alguns camaradas fizeram esta pergunta: «Quanto tempo poderemos manter desfraldada a Bandeira Vermelha?» Na verdade, a luta na China entre a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e o Japão tinha-se já tornado bastante aberta por essa altura e estava a ganhar forma um estado de guerra bastante confuso entre Chiang-Kai-shek, a clique de Kuangi e Feng Yu-hsiang; daí que era justamente o tempo em que a maré contra-revolucionária tinha começado a descer e a maré revolucionária a subir outra vez. Não só, no entanto,

³ [Lu Ti-ping, um senhor da guerra do Kuomintang, era o governador do Kuomintang na Província de Hunan em 1928.]

⁴ [A guerra de Março-Abril de 1929 entre Chiang Kai-shek, senhor da guerra do Kuomintang em Nanking, e Li Tsung-jen e Pai Chung-hsi, senhores da guerra do Kuomintang na Província de Kwangsi.]

⁵ [A terceira invasão da zona da base do Exército Vermelho nas montanhas de Ching kang em Hunan pelos senhores da guerra do Kuomintang de Hunan e Kiangsi durou de fins de 1928 a princípios de 1929.]



MAO TSÉ-TUNG

se encontravam ideias pessimistas no Exército Vermelho e nas organizações locais do Partido, como até o Comitê Central foi enganado pelas aparências e adoptou um tom pessimista. A sua carta de Fevereiro é prova da análise pessimista feita à época no Partido.

4. A situação objectiva de hoje ainda é tal que camaradas que apenas vêem a aparência superficial e não a essência do que têm diante dos olhos estão sujeitos a enganar-se. Em particular, quando os nossos camaradas que trabalham no Exército Vermelho são derrotados em combate ou perseguidos por poderosas forças inimigas, muitas vezes generalizam e exageram, inadvertidamente, a sua situação momentânea, específica e limitada, como se a situação na China e no mundo inteiro não desse motivos de optimismo e as perspectivas de vitória da revolução fossem longínquas. A razão para que se atenham à aparência e ponham de lado a essência na sua observação das coisas é que não fizeram uma análise científica da essência da situação geral. A questão de saber se haverá em breve uma maré alta revolucionária na China apenas pode ser decidida fazendo um exame detalhado para averiguar se estão a desenvolver-se realmente contradições que conduzam a uma maré alta revolucionária. Dado que se estão a desenvolver no mundo contradições entre os países imperialistas, entre os países imperialistas e as suas colónias, e entre os imperialistas e o proletariado dos seus próprios países, existe para os imperialistas uma necessidade intensificada de dominar a China. Enquanto a contenda imperialista a respeito da China se torna mais intensa, tanto a contradição entre o imperialismo e toda a nação chinesa como as contradições entre os próprios imperialistas se desenvolvem simultaneamente em solo chinês, criando desse modo a guerra intrincada que se está a expandir e intensificar de dia para dia, e dando lugar ao desenvolvimento contínuo das contradições



entre os diferentes grupos dos reaccionários que governam a China. Na esteira das contradições entre facções governantes reacionárias – a luta emaranhada entre os senhores da guerra – vem uma tributação mais pesada, que gradualmente agudiza a contradição entre a massa geral dos contribuintes e os governantes reaccionários. Na esteira da contradição entre o imperialismo e a indústria nacional da China vem o fracasso dos industriais chineses em obterem concessões dos imperialistas, o que agudiza a contradição entre a burguesia e a classe trabalhadora chinesas, com os capitalistas chineses a tentarem encontrar uma saída por meio da exploração frenética dos trabalhadores e com os trabalhadores a oferecerem-lhes resistência. Na esteira da agressão comercial imperialista, as extorsões mercantis-capitalistas chinesas, a tributação governamental mais pesada, etc., vem o aprofundamento da contradição entre a classe dos senhores da terra e o campesinato, isto é, a exploração através das rendas e da usura agrava-se e cresce o ódio dos camponeses pelos senhores das terras. Devido à pressão dos bens estrangeiros, à desgradação do poder de compra das massas trabalhadoras e camponesas e ao aumento da tributação do governo, cada vez mais comerciantes de produtos feitos na China e produtores independentes são levados à falência. Como o governo reaccionário, embora curto de provisões e de fundos, expande incessantemente os seus exércitos e, assim, constantemente alarga a guerra, as massas de soldados estão num constante estado de privação. Devido ao aumento de impostos, à subida das rendas e dos juros exigidos pelos senhores das terras e à extensão diária dos malefícios da guerra, há fome e banditismo por toda a parte e as massas camponesas e os pobres das cidades mal se conseguem manter vivos. Como as escolas não têm dinheiro, muitos estudantes temem que a sua educação seja interrompida; como a produção é atrasada, muita